TROVAS

DA

Estancia do Abandono

DE

D.A BRASILIA COMARCA

CANTADAS POR

ZÉCA BLAU

1933

№ 1807

A literatura gaucha incorpora ao seu patrimonio artistico mais este poemeto creoulo, onde Zéca Blau em versos cheios de sangrenta ironia, traça em pinceladas fortes um trecho dificil da nossa historia e recorta a silhueta psicologica de tipos nossos que se projetam no cenario da vida politica do Rio Grande.

*

* *

Zeca Blau é fertil em imagens, como os poetas orientaes e é, sem duvida, o mais creoulo dos nossos cantores nativos.

Amaro Juvenal ao escrever o poemeto campestre que lhe deu a gloria da popularidade, deixou, não ha duvida, para a literatura gaucha uma joia de fino lavor regionalista. Zeca Blau, no entanto, dá-nos um livro cheio da mesma sensibilidade poetica mas, em verdade, com maiores requintes de arte, onde brilha o valor

civico do Poeta que tem o perfeito dominio do verso e uma vistosa e opulenta maneira de manejar a rima.

O cenario de seu poema é o Pampa, esse mesmo Pampa onde o gaucho é soberano da natureza e se entrega sempre aos livres transportes de sua alma simples.

Zeca Blau fixa no seu livro uma epoca trevosa e de incertezas amargas na vida do Paiz e flagrantisa fatos historicos, vistos por ele de maneira original e unica.

*

* *

Mas, onde o Poeta se revela inegualavel é no traçar a fisionomia ou a caricatura moral dos tipos que cruzam e recruzam as estradas e os atalhos politicos do Rio Grande.

Os seus versos, ora retratam as figuras apostolares de Raul Pila e Borges de Medeiros, ora retraçam os perfís simpaticos de Lusardo, João Neves e Mauricio Cardoso.

Psicologo de raras virtudes, atravez da mascara de um Josè Ruivo, ele nos dá uma personalidade acabada, completa, vista por todas as

faces e revelada em todas as arestas de seu caracter.

* * *

Zeca Blau conhece profundamente a vida do campo e do galpão, sendo inimitavel nas sentenças creoulas que lhe dão o merito de um J. Hernandes, creador de Martim Fierro, trovador que Octavio Bungue imaginou como os avoengos PAYADORES, sentado sobre uma cabeça de vaca, ao lado do rancho ou sobre as raizes salientes de um umbú, tangendo as cordas de uma velha guitarra.

Os nossos costumes campeiros, aqui se refletem com uma fidelidade impressionante, qualidade que fará de Zeca Blau o poeta mais lido e popular da nossa terra.

Assim como EL VIEJO PANCHO conquistou o carinhoso acolhimento dos fogões uruguaios, Zeca Blau verá doravante a sua ESTANCIA DO ABANDONO nas mãos rusticas dos nossos gauchos, que dirão de cór, na cordeona ou na guitarra, os versos impecaveis desta satira amarga, que eternizam na rima a hora de ingratas deserções e covardes felonias que vivemos.

EDITOR.

O CANTOR

O CANTOR

— O-de-casa, meu patricio.
— Chegue pra adiante. Quem vejo ?
— De licença pra este andejo
Sacar do zaino o recau.
Sou um pajador como tantos,
Sobrinho do Chico Santos
E neto do velho Blau.

Cordeona te abre com geito,
E a idea nos versos guapos
— Changueiros que eu desencapo —
Se prenda como prezilha,
Sem nada pra contrapol-os,
Que eu canto os vultos creoulos
Cortando pampa e coxilha.

Gaucho mala nos tentos
Por não ser de meios termos,
Nunca votei em governo
Nem le ganhei seu salario ;
Caboclo baio-sebruno,
Que nunca ensilhou reiuno
De praça de comissario.

Indio de sina gauderia,
Sem queixas contra o destino
Que me fez assim teatino,
Como cumprindo um dever
Mais canto no verso tosco
Lo malo que yo conosco
Que el bueno por conocer.

Santana Chica é o meu pago ;
E agora por pago alheio !
Na tua saudade me enleio
Rincão onde eu fui piá,
Criado arisco e traquina
Boleando a espada franzina
De tala de gerivá.

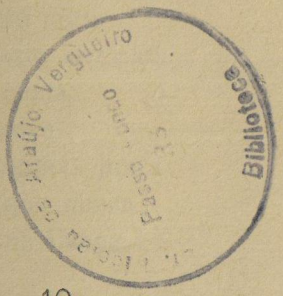
Eu vou contando quem sou
Por que sempre é mui mal visto
Quem neste mundo de Cristo
Ande daqui pra acolá,
Alceando uma voz-trocada,
Sem querencia e sem morada
Estradeando ao-Deus-dará.

Meu peito, para-te leve,
Como pingo em compostura
Guiado por mão segura
Com bom tempo de carreira.
E a trova saia brincando
Pela destreza lembrando
A espada dum polvadera.

A vós que estas coplas canta
Prendendo na toada a historia,
Não tem ambição de gloria,
Tão pouco indaga se lucra.
Sua força somente encerra
Um louco amor pela terra
Deste indio de rima chucra.

Neste pouso hospitalero
De ancho galpão avoengo,
Vão ouvir este andarengo
— Bucha por se destapar —
Cantando a historia sem dono
Sobre a Estancia do Abandono
Que ouvi um peitudo cantar.

A HISTORIA



A HISTORIA

Pobre estancia de viuva
— Dona Brasilia Comarca, —
Que até jà nem tinha marca,
— Cantar-te ainda ha quem se afoite
Pois morria a produção !
E, indiada assim no galpão,
Puxando bomba dia e noite.

A estancia éra grande, amigo !
Alem de vinte invernadas
De gado fino povoadas
Ainda tinha dois potreiros.
Em cada uma morava
E meio capatazeava
Baseado e velho postêro.

Nas invernadas do norte
Que a seca, o pasto arremata,
Criavam cabeça chata,
Só gadaria poleanga.
P'ra o sul as coxilhas junca
O terreno, aruá, que nunca
Aprende o lugar na Canga !

Nas lá do centro é mui manso,
Farejador de paiól.
De tarde, ao entrar do sól
Busca mansito, os currais,
Deixando as planuras razas,
Rodeio perto das casas
Sempre o dono cuida mais.

Muito gado adicionado ;
Nem uma vaca manteuda ;
Tropilha magra e queruda ;
Mangueiras, taipas, cercados,
Tudo caindo e acabando ;
E os cruzadores passando
Nos rombos dos aramados.

Morrendo nos atoleiros
Sempre a rez de melhor cruza ;
Nos campos gentalha intruza ;
Em doses mixes o sal ;
Mas, pra pionada que tinha,
A la farta erva e farinha
Como a carne no varal!

Lá foi gente destorcida,
Mui campera e ginetaça,
Que cheirou muita fumaça
Em mais de uma montonera!
Lá foi indio que se pára
Sentado na ultima vara
Dum vão largo de portera.

E no sair a manada,
Frigindo portera fóra,
Como um charrua na escora,
Com negaças de palhêro,
Prendendo, calmo, um cigarro
Salta certito e bizarro
Bem no lombo do paisêro.

E descamba gineteando
Sem redea e de PE'-NO-CHÃO
Com o laço armado na mão,
E quando o bicho deu tudo
Abrindo a perna e erguendo o braço
Inda sai boleando o laço
E faz torcê o colmilhudo!

Foi até gente inimiga
De mão dada e de ombro rente,
Tudo se uniu num repente !
E até hoje eu me descubro
Á grandeza da agachada,
Que uniu cinta colorada
E cinta branca a treis de Outubro !

Foi assim ! de indio entaipado !
Pecharam no parapeito ;
Bolearam a perna com geito
De quem não pede... bixiga.
Dona Brasilia, contente,
Mandou embora sua gente
Pra a estancia de uma outra amiga.

No que encorduô o mundaréo
De gente no-olho-da-rua,
Chamou a dona um charrua
Por vel-o manhoso e fino,
E ali mesmo, no galpão,
Disse em voz alta : o patrão,
Agora, é o seu Juvelino !

E pensou : — de agora em diante
O Juvelino com afinco,
— E' filho do Trinta e Cinco
Um velho buerana e taura
Que viveu em longes dias ! —
Cuidando das sesmarias
Tudo agora se restaura.

Chegaram. Foi um alvoroço !
Varreram frente e quintal ;
Roçaram o bamburral
Onde coleou muita cobra...
Tiraram velhas goteiras;
Veio vara pras porteiras ;
E a lida crece e redobra.

E a Dona pra o Juvelino
Pedio : (pois nunca foi trouxa
E vio a ronda pras morocha
Que a caboclada fazia !)
Quero, mas sem contratempo
Saber, na vespra, antes-tempo ;
Qual é a lida pra o outro dia.

Mas, quero, pra meu socego,
Pra evitar novo banzel,
Tudo escrito num papél;
As ordens que vão ser dadas
Claras e altas, sem enleios,
Quais os dias dos rodeios
Na cria e nas invernadas.

Quéro ver si os domadores
Que a potrada não é pouca! —
Não vão só quebrar da boca
Deixando ainda algum lonanco
Golpeando sem geito e atôa,
Porque a cria é linda e é bôa,
Dá muito pingo de branco.

Venda minha tropa a varrer
Inverno ainda mil e pico! —
Pague tudo quanto é bico;
Arregimente o pessoal;
Quanto ao salário eu garanto;
Dê-lhe domingo e dia santo;
Acerte as datas de sal.

A' agregados e posteiros
Ordene mais vigilancia ;
Bote pra fóra da estancia
O que andar fóra do rego ;
Mas, olhe ! você tem homem
Capaz de matá uma romey
Só por causa do pelego !

E assim, tim-tim por tim-tim,
Foi pedindo tudo em dia.
Dizendo como queria
Na sua estancia do Abandono.
E o capataz, moço e lindo,
Empoltronado, só ouvindo,
Mas jà com luxos de dono !

Cérta manhã o Juvelino
Quiz dá um alegrão no povo,
Fazendo, emfim, algo novo,
Só pra tudo não ficar
Hoje como ontem, e, assim dantes,
Mandou que o sól entrasse antes
Do que costumava entrar !...

Todo mundo rio á soltas
Desse toreio pra o sól.
— Será que hay sangue hespanhol
Pra amostra desse denodo ! —
Capaz que inda mande o dia
Que fique noite e noite o dia
Numa hora em que empine EL CODO.

Na invernada de São Paulo
Botou um posteiro extranho
Que só visava o seu ganho.
E ergueu carpas arrogantes
Como um relevo nas raias ;
E cores vivas de saias
Dentro delas provocantes.

De inspetor de quarterão
Ficou um tal Manoel Costa
Cheio de nós pelas costas,
Com mais voltas que o Uruguay
Fez là muita estripulia
E o Juvelino sorria
Um riso de paraguai.

A Dona pediu contagem
Nos gados todos de conta,
Mexessem de ponta a ponta
Desde a invernada dos baios.
Seu Juvelino ouvindo isso
Marcou sem pressa o serviço
Pra o veranico de Maio.

E proseava em roda grande
Marombeando... corpo mole...
Pra que a Dona não le amole
Com isto e aquilo e mais lambança
— De mais ordens Deus me valha !
Vadico é quem marca as talhas
Por ser o de mais confiança.

Pião velho sabe e guarda
As maroscas do patrão...
Todos tem-nas, como não !
Embora nem todos contem.
Ah ! quanta espera perdida...
Quanta noite mal dormida...
Que o homem de hoje é o mesmo de ontem !

Macielinho, o corredor
Dos parelheiros da estancia
— Por ter peso de criança
E é vivaracho o rapaz —
Contará ao meu contento
Marcando com nós num tento
O que sair por de traz...

Dão Monteiro conta a tropa
De gado macho invernado,
Pra ficar classificado
E facil qualquer mudança.
Abrindo longe o bagual
Corra os olhos no sinal :
Tudo que é ponta de lança.

Saia no melhor náco
Mui proprio pra um capataz,
Cuscada focs de atraz. . .
Cantando coplas de outrora,
Ao ritmo das quatro patas
Ouvindo o rumor das pratas
E a bulha alegre da espora.

No seu tordilho amilhado,
Com o nome de Picardia,
Que graudão perecia !
Pois nesse mesmo bagual
Muito gebito arenguero
Tocára pra o saladero
Da Aliança Liberal. . .

Até sacou seu retrato
Cum preparo que é um asseio,
Tranqueando num pastoreio
De finos devons que exalta,
Desde esse tempo de certo,
Já bombeava por esperto
A raça de Pedras Altas . . .

Em vez da lida esperada,
Eram passeios de tarde !
E a indiada com estono e alarde
Vivendo vida a la farta !
Sem sestro, respeito ou medo
Folgando pelo arvoredo :
Tejo e tava, copo e carta !

E a pobre Dona via tudo :
Pionada gauderia ao tranco ;
E os quites de ferro branco
Dos que tinham mais topéte ;
E as capetages camperas
Das chinócas tafuleras
Pelas garupas dos fletes.

Poncho e pala, tudo novo !
Guaiacas cheias de cobre !
Indiada de pilcha pobre
Botou bombilha e florão !
Rumor de gaita e morenas
De flecos e de chilenas,
Charla solta no galpão !

E a pobre Dona, sonhara
Que ia ver mirando as leguas ;
Gado gordo, potros e éguas ;
Flor de grama de forquilha
Nos prainos como um relevo ;
Verdes tapetes de trevo,
Lindos pendões de flexilha !

Em S. Pedro, de gaucho,
Parava o Raul Dinhêro,
Por lombo duro e mundêro,
Não quiz nunca ser mensual,
E foi pra Dona avisando
Que estavam le preparando
De couro fresco um buçal...

Entonces Dona Comarca
Chamou os que ela sabia
Contrarios com essa anarquia,
Queixou-se que dava pena :
— Como é que esse capataz
Piores males nos faz
Que aqueles que ele condena.

Foi como um risco no chão !
Pois viram com nojo e tedio
Que não havia remedio
Pra aquele sarilho grosso !
Que tudo estava perdido
Completamente absorvido
Nos biongos e canchas de osso.

Quando o sol rasgou a armada
Do dia — um bom doze braças ! —
Eles, tirando fumaças.
Mateando embaixo duns molhos,
Pra o patrão pediro a conta,
Que tomou como uma afronta
Puxando o chapéo pra os olhos.

E os guascas tramaram lingua
Torcendo os bigodes ralos,
Apartaram seus cavalos,
Que farejando a querencia
Troteavam voluntariosos,
Por se livrarem fogosos
Das tres-marias da ausencia.

Lindolfo foi um dos tal.
Meio crusado com gringo
Mas teso em riba dum pingo !
Bom campeiro e mui vaquiano
Que sempre andou — pobres sinas ! —
Do beijo quente das chinas
Ao beijo frio dos minuanos.

Outro era o pardo Mauricio,
Quietarrão, mas ventania.
Bem sabendo o que fazia
Steve até meio de sóta.
Trançava como ninguem ;
Arrocinava mui bem ;
Foi tropero pra Pelotas !

Janguito, indio vivo e alegre,
Fosse bom tempo ou tronando
Tirava o quarto cantando.
Mas isto era com tal geito
Que a tropa já nem remoia,
Parece que até entendia
Quando o teba abria o peito !

O outro é o indio Batista.
Alambrador, bom na púa ;
Meio mestiço á charrua ;
Conhecedor dos atalhos ;
Nunca refuga rio cheio
Pode roncar grosso e feio
— Star lá nas pontas dos galhos.

Chirú, que um aspa torcida
Piala até sem percisão,
Sólito ai num fundão
Onde só com Deus se vê !
— Isto eu vi e ouvi contá !
E maneando o flete vai lá
Fazê o que tem que fazê !

JOSÉ RUIVO

57

JOSÉ RUIVO

Ficára em S. Pedro, o Ruivo
Como posteiro, no fundo.
Ficou por voltas do mundo
Cuidando a estancia fraterna.
— Cobra pra o pulo se enrosca...
— E faz patranha e marosca
Nos irmãos passou a perna...

Chegando a estancia nativa
Já o Ruivo estava de dono,
Com partes de rei num trono
Todo rodeado de escolta.
Era só sabre e dois canos
Como aspa de bois serranos
Redemunhando na volta.

Nunca ele foi trigo limpo!
Piasito se criou crusando;
Puxou muito contrabando;
Até chefiou milicada!
E agora já bem maduro,
De cenho fechado e duro
Mas sempre um venta rasgada.

Mais de uma vez cortou gaitas
Só pra rir da gritaria.
Tragueando nas pulperias,
Virava a coice o balcão ;
Lá se ia com seus farranchos
Fazendo tremer os ranchos
Botando as portas no chão.

Aficionado á carpeta
Num lasquiné foi macota.
Inda hoje orelhando a sóta
Ou retorcendo as piguanchas
Faz disso tudo o seu luxo.
Nunca faltô em tangurucho
Nas cabeceiras das canchas !

Logo que os vio, a cuscada
Atiça e ela toda ataca :
Fura-noite e Jararaca.
E os indios, assim num upa,
— Foi como arrebentá um laço ! —
Com um pala envolto no braço
Sairam pela garupa !

Caramba foi brabo o seco !
Passou-se a dono o postero !
E quebralhão, buchinchero,
Montando um puro, monarca,
Até o lugar dos rodeios
Mudou, e, em gados alheios
Sentô o ferro de sua marca . . .

E já serrou aqui o fervo
Do guasca que não se justa
E os da causa ingrata e injusta
Pegados como convinha . . .
E eu vi muito cuera alpista
Com cara abatida e triste
De negro em tropa de linha.

O
VELHO ANTONIO

65

O VELHO ANTONIO

Em São Pedro o velho Antonio
Foi postero anos a fio
Cuidando com zelo e brio
Esta campanha sem termo
Deixou o posto no dia
Em que viu que outro o queria
E ele andava meio enfermo.

E ergueu num rincão seu rancho
De barro e de santa-fé
Mostrando a todos como é
Que uma pobreza cintila !
Como vive sem vaidade
Rei da maior liberdade
Que tem conciencia tranquila.

No começo houve algum sestro
Na estancia, e, foi outro tombo,
Mas depois, floxando o lombo,
Viram o anzol direitinho !
Foram prestar obediencia
Pra áquela santa experiencia
No rancho de Irapuasinho !

Nada faziam sem ele,
Sem pedir-lhe um parecer,
E ele, bondoso, e, por ver
A terra que tanto amava
Rolando de mão em mão
Cada dia c'um patrão,
Que nem um pai ensinava!

Como se corta um canzil,
Como se brocha um tambêro,
Como se encontra o ternêro
Que, arisca, a vaca escondeu.
E si faziam direito
Ainda era entonando o peito,
Mas todo o ensino era seu!

E arrocinando pra estancia
Deixava com senhoria
Na postura que queria
Qualquer recem-enfrenado...
Ah! o flete que ele arrendasse
Cortava por qualquer face
Como facão do Cadiado!

Dava gosto vel-o e ouvil-o
Falando em linguagem clara,
Com calmas de tapejara
Todo o seu muito saber :
Minguante pra pegar potro,
E quarto igual não hay outro
Pra plantar e pra colher.

Na nova tudo caruncha
Por mais que se avente e escalde ;
Potro se quebra debalde ;
E' lua muito azarenta !
A peste do garrotilho
Se cura até no lombilho
Queimando um trapo nas venta.

Mas, pra cavalo abombado,
Les digo, — a verdade é dura ! —
Não acreditem na cura
Que ninguem fez até agora.
E aprendam como cortar
Um couro, e, a garrotear
Que é com o carnal pra fóra.

Os pêlos tem sua influencia
No tino dum bom campero :
Picaço dá carrocero ;
Todo rozilho é Chubrega ;
Ruano é flaco e o lobuno ;
De garrão frouxo é o sebruno ;
Mas zaino negro não nega !

Pangaré nunca deu maula
E quando encordoado é um raio.
Tapeie o chapéo num baio ;
Gaucho de facha e brilho
Que queira ser respeitado
Pra o campo, enfrene tostado,
Mas num rio cheio, o tordilho.

Bragado, Deus nos acuda !
E' da quadrilha o que eu deixo,
Si has de le quebrar o queixo
Antes le puches a cola !
Traiçoeiro é alazão manchado ;
Pêlo bem triste é o melado
Na estancia se dá de esmola.

Malacára é bom de campo ;
O gateado e o doradilho,
— Se lembram do meu potrilho ? —
Quem não guarda desaforo
E ganha com luxo a plata,
Na cancha, o cacho desata,
E grita em riba dum mouro.

Com o oveiro tenho má fé ;
Tobiano é do mesmo naipe
Pois nele a maldade entaipa,
Tem bicho no lombo, é arvel,
Tobiano, Deus me perdôe,
Abranda só que se amôe,
Mais mansa é uma cascavel !

Carreteando, coice e quarta
Leve firme, e, folgue a ponta
Pra algum repecho que atonta -
E faz o boi tranquiar miudo
Muito mais se ele é tambêro.
E é feio pra o carretero
Quebrar canzil num peludo.

Cavalo que é bom de campo,
Bueno de pata e violento,
Perde redea e movimento
Puxando aranha ou carroça.
Arve bôa abrigo estende,
Do lado que o sol acende
Tem sempre a casca mais grossa!

Se a tropa estora na ronda,
Embora se parta em duas
No horror das noites sem lua
No mais brabio dos relentos,
Guarde isto na ideia clara ;
A tropa quando dispara
Sai sempre a favor dos ventos !

Estas coisas não se aprende
Num dia, de relancina.
Só mesmo a vida é que encina
Pois ela inda é melhor mestre.
Quem da vida tirou tudo
E fez seu livro de estudo
Não tem no que mais se adestre.

Ensinou todo o trabalho,
Como se arruma a cadena ;
E um bagual como se enfrena,
Pra amigos e irmãos mais novos,
Da estancia, que ia integral ;
Da fronteira ao litoral,
Do centro até os Sete Povos.

O ESTOURO

Pois esse velho patriarca
Que aqui ficára por gosto,
Tambem não esteve disposto
Ao silencio que acobarda !
E como em noventa e treis
De novo veio outra vez,
Pra os piquetes da vanguarda.

E já estorou serio a cousa !
Rodada e seio de laço
Houve ! e papel de palhaço !
Trompadas nos sete fios...
Muito indio guapo em bom pingo
Figura triste de gringo
Fez, durante esse extravio...

Mas a traição e a emboscada
Veio, e a denuncia tambem,
Até que um dia, porem,
Surge a hora anciada e alegre.
De se acharem frente a frente.
E, assim a indiada valente
Bateu chapa em Serro-Alegre !

Chou-egua ! estralou pipoca !
Muito auxilio prometido !
Por chefões ficou no olvido...
Filhos maus de terra bôa,
Figurões de alma assimzinha,
Maiorais de alma daninha,
A raça não les perdôa !

Lastrava o incendio no campo !
Cheio de orgulho e beleza
Quiz armar a natureza
(Chama solta em rolos flavos
E óra num luto envolvente,)
No pampa a camara ardente
Pra aquele grupo de bravos !

E o velho Antonio, galhardo,
Por amor de seu rincão
Foi prezo de armas na mão,
Lutando atrevido e guapo.
O neto dum farropilha
Nesse topo de cochilha
Lembrava um heroi farrapo !

Perdeu a gauchada livre,
Mas não faltou valentia !
De certo éra aquele o dia...
Perdeu se enchendo de gloria,
Deixando, (com orgulho lembro)
Aquele vinte de Setembro
Quebrando o cácho na Historia.

F I M

Preço: Dois PATACÃO, em beneficio da Frente Unica

Edição da Typ. d' O COMMERCIO — São Pedro — R. G. do Sul